

DO (IN)PASSE DA TRADUÇÃO AO PROBLEMA DA NOMEAÇÃO: A INSISTÊNCIA DE BEMÄCHTIGUNGSTRIEB

From the (in)pass of translation to the problem of naming: The insistence of bemächtigungstrieb

Del (in) pase de la traducción al problema del nombramiento: la insistencia de bemächtigungstrieb

De l'(im)passe de la traduction au problème de dénomination : l'insistance de Bemächtigungstrieb

10.5020/23590777.rs.v23i3.e13538

Antonio Trevisan

Psicólogo, psicanalista, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Doutorando em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB – DF) e pela Université Cotê d'Azur (França).

Jean Michel Vivès

Psicanalista e professor Doutor de Psicopatologia Clínica na Universidade Côte d'Azur (França). Membro do movimento Insistance (Paris, França) e do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro.

Marcia Cristina Maesso

Psicóloga, psicanalista, Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP), Docente e orientadora no Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB).

Resumo

Este artigo realiza um resgate da expressão bemächtigungstrieb, empregada por Sigmund Freud em sua obra, e traduzida no Brasil sob os termos de pulsão de dominação. A discussão apresenta um cuidadoso exame dos argumentos que sustentam essa nomeação, atravessando os impasses intérprete-tradutórios, ofertando uma releitura de seu estado. Num desmonte-investigativo, recorreremos ao levantamento histórico da noção e de outras traduções, como do francês e inglês, possibilitando maior precisão de algumas reduções do postulado de Freud, bem como dos impactos na concepção da metapsicologia. Em consequência deste levantamento, sustentamos outra posição tradutória, na forma de pulsão de apoderamento, compreendida numa articulação alinhada à originalidade do pensamento freudiano.

Palavras-chave: apoderamento, bemächtigungstrieb, metapsicologia, tradução

Abstract

This article rescues the expression bemächtigungstrieb, used by Sigmund Freud in his work, and translated in Brazil under the terms of domination drive. The discussion presents a careful examination of the arguments that support this appointment, crossing the interpretive-translational impasses and offering a reinterpretation of its state. In an investigative dismantling, we resorted to the historical survey of the notion and other translations, such as French and English, enabling greater precision of some reductions of Freud's postulate, as well as the impacts on the conception of metapsychology. As a result of this survey, we support another translational position in the form of the drive to take over, understood in an articulation aligned with the originality of Freudian thought.

Keywords: empowerment, bemächtigungstrieb, metapsychology, translation

Resumen

*Este artículo realiza un rescate de la expresión *bemächtigungstrieb*, empleada por Sigmund Freud en su obra, y traducida en Brasil bajo los términos de pulsión de dominación. La discusión presenta un cuidadoso análisis de los argumentos que sujetan este nombramiento, atravesando los impases de interpretación-traducción, ofreciendo una relectura de su estado. En un desmonte-investigativo, recurrimos a la búsqueda histórica de la noción, y de otras traducciones, como francés e inglés, posibilitando mayor precisión de algunas reducciones del postulado de Freud, como también de los impactos en la concepción de la metapsicología. En consecuencia de esta búsqueda, sujetamos otra posición de traducción, en la forma de pulsión de apoderamiento, comprendida en una articulación alineada a la originalidad del pensamiento freudiano.*

Palabras clave: *apoderamiento, bemächtigungstrieb, metapsicología, traducción*

Résumé

*Cet article est une reprise de l'expression *Bemächtigungstrieb*, utilisée par Sigmund Freud dans son travail, et traduite au Brésil sous le terme de « pulsion de domination ». La discussion présente une enquête attentive des arguments soutenant cette dénomination, en abordant les impasses des interprètes/traducteurs, en proposant une réinterprétation de sa signification. Dans un démontage investigatif, nous nous appuyons sur l'enquête historique de la notion ainsi que sur d'autres traductions, en français et en anglais notamment, ce qui permet une meilleure précision concernant certaines réductions du postulat de Freud et leurs impacts sur la conception de la métapsychologie. À la suite de cette enquête, nous défendons une autre option de traduction, en forme de « pulsion de appropriation », comprise dans une articulation alignée sur l'originalité de la pensée freudienne.*

Mots-clés: *emprise, bemächtigungstrieb, métapsychologie, traduction*

A dimensão da tradução e da linguística são passagens imprescindíveis ao tratar-se daquilo que pode se chamar campo da psicanálise, entendendo-se ambos os territórios como problemáticas estruturais da língua e de sua interpretação. É nesse terreno exploratório que se sustenta a proposta deste artigo, retomando a investigação de um termo da língua materna de Freud que continua a insistir como convocação a um constante retorno ao original do alemão e suas especificidades. Esse exemplo indica a complexidade do intérprete, mediante a obra original, e sua delicada relação com a fidelidade/fidedignidade, uma combinação difícil para a raiz e as origens da teoria.

Observar atentamente a tradução revela, nas entrelinhas, o implícito trabalho de conversão da ideia ou até os arranjos aproximativos necessários para preservar a noção original o que, na maioria das vezes, carrega traços deformantes. Nessa linha de raciocínio o objetivo é mostrar as formas de tradução, bem como os modos interpretativos, principalmente aos moldes das escolas inglesas e francesas que preconizam a produção desse vasto campo.

Metodologicamente, retornamos à obra freudiana e a seus aspectos linguísticos de natureza germânica, para rever as palavras, revisitando a compreensão em torno de duas expressões específicas: *bemächtigungstrieb* e *bewältigung*, que são elementos originais na consolidação objetivada por esta proposta. Os termos foram inseridos por Freud em momentos diferentes de seu pensamento, que datam de 1905, 1913, 1914, 1915 e 1920. Na obra de Freud traduzida popularmente no Brasil está descrita como pulsão ou impulso de dominação. Sobretudo, indicaremos, inicialmente, a questão da originalidade da tradução francesa, passando pela posição dos ingleses, até chegar à forma abrasileirada. No arrolamento da história, apontamos diversos questionamentos sobre o modo de traduzir a expressão, bem como a designação de seu conceito, considerando o bloco semântico que a envolve e os contextos nos quais foram empregados.

Para tal revisão empreendemos uma pesquisa minuciosa da literatura, ressaltando outras vias e origens de tradução, expondo posições interpretativas de teóricos da psicanálise para justificar sua leitura; pois o trabalho de tradução implica numa exigência de posição teórica que pode incorrer em forçosas aglomerações de sentido. Hanns (1996, p. 20-21) também concorda que

(...) tais inferências acabam forçando coerentizações onde não as há, ou exigem que se decrete supostas mudanças no percurso teórico de Freud para anular outros usos anteriores e posteriores dos conceitos e inserir à força uma ocorrência excepcional como se fosse parte fundamental da obra.

Assim, tal finalidade acentua as problemáticas gramaticais, incidindo nos motivos que justificam seu estado, portanto transferidos para outros idiomas.

A tradução: Os avatares da interpretação

A dimensão da palavra é fundamental, ao tratar-se da psicanálise, pelo complexo fato de que, o ato da nomeação invoca a condição do sentido, que é, por sua vez, multifacetado e particularizado. A palavra central aqui é *bemächtigungstrieb*, bem como um outro termo em especial, *bewältigung*, ambos encontrados juntos no texto escrito em alemão no ano de 1920 chamado *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1996e, 2020). Esclarecemos que *bemächtigungstrieb* é o substantivo, *bemächtigen* é o verbo, enquanto *bewältigung*, é o substantivo e *bewältigen* o verbo, ambos podem ser entendidos como a ação de dominar, mas contêm particularidades em seu emprego contextual. Notamos a indiferença dessas significações na exposição sobre a pulsão de apoderamento, esta ausência denuncia, em parte, o motivo da rápida associação às características de destruição e outros adjetivos.

Para elucidar essas condições faremos um breve percurso histórico da questão. Os franceses protagonizaram a teorização sobre esses aspectos, reabrindo seu campo. De tal feito, encontramos as primeiras formulações de Bela Grunberger (1959), que abordou a noção alertando sobre a inexplorável dimensão da pulsão mencionada por Freud. O próprio Grunberger forneceu como solução de tradução a grafia de *pulsion d'emprise*, sendo adotada e estendida por demais teóricos franceses. Outros teóricos também se empenharam nessa missão, como Denis (1997), propondo dois modos operacionalizáveis da pulsão, divididos em domínio e satisfação, fazendo inferências sobre as palavras *bemächtigungstrieb* e *bewältigung*. As investigações de Dorey (1981) atribuem ao termo *pulsion d'emprise* a ideia de uma força relacional que se estabelece do Eu para o mundo. Assim, tal postulado complica a elucidação de seu caráter na dimensão originária à medida que retira seu caráter independente e autônomo. Ambas as palavras são centrais, segundo Hanns (1996), que indica a semelhança de significação para dominar; no entanto, o autor cria verbetes separados para eles, onde um tem o ato de dominar, e o outro de lidar com a situação, um tipo de execução da tarefa.

Os dicionários de autoria dos franceses utilizam, em seu original, o termo *pulsion d'emprise*, porém descrevemos o modo como foi traduzido para o português, encontrado sob a expressão de pulsão de dominação. É o que nos mostra o Dicionário de Psicanálise de Roudinesco e Plon (1998, p. 473), traduzido por Vera Ribeiro, empregando pulsão de dominação, ao descrever o conceito de libido da seguinte maneira: “Se há uma diversificação das zonas erógenas, isso significa que a pulsão sexual (cuja manifestação é a libido) divide-se em pulsões parciais: duas delas estão ligadas a regiões do corpo (pulsão oral e pulsão anal), enquanto as outras se definem por seu alvo (a pulsão de dominação, por exemplo)”. Depois, rapidamente, ao explicar que o campo do sadismo “não é explicitamente inscrito na categoria das pulsões sexuais, mas sob a epígrafe da pulsão de dominação” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 682). Já o trabalho de Kaufmann (1996), traduzido por Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges, cita a pulsão de dominação, fazendo uma relação ao conceito de atividade-passividade, ligada à destruição. Em suas palavras temos o seguinte:

O destino de uma pressão pulsional depende, portanto, dos investimentos respectivos do sujeito e do objeto. É assim que, quando a atividade é atribuída ao Outro, a uma instância separada ou a uma pessoa no mundo externo, o sujeito pode se ver reduzido ao eu-objeto. Ou ainda, é segundo a posição do objeto que uma pulsão de destruição assume forma de pulsão de morte voltada contra a própria pessoa ou de pulsão de dominação e de agressão derivada para o exterior. (Kaufmann, 1996, p. 54)

Nesse arrolamento, evidenciamos o vocabulário elaborado por Laplanche e Pontalis (2001), originalmente publicado em 1967 na França, e no Brasil em sua 4ª edição, traduzido por Pedro Tamem, preservando as referências da dominação. Para esses autores, a palavra designa um processo, sobre o qual destacam o seguinte: “denominação usada em algumas ocasiões por Freud, sem que seu emprego possa ser codificado com precisão, Freud entende por ela uma pulsão não sexual, que só secundariamente se une à sexualidade e cuja meta é dominar o objeto pela força” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 397).

Ainda sob a égide do desenvolvimento dos franceses, citamos outros teóricos, com sua própria maneira de teorizar o conceito, dentre eles, o notório trabalho de Anzieu (1988) aproximando a ideia da noção do impulso para agarrar, destacando a pele como fundamental e primordial na ação constitutiva do Eu. Já Sédal (2009) descreveu a noção como busca pelo controle e a situa como não sexual, atuando inclusive nas origens da vida psíquica, posição que se alinha às articulações defendidas aqui, para reposicionar a função pulsional. Para esse autor:

(...) trata-se de erradicar a dimensão aleatória de todo e qualquer objeto exterior pelo abuso a que se faz submeter um objeto que deve ser mantido sempre ao seu alcance; este objeto deve ser radicalmente compatível com o propósito da pulsão assexual, que cria e anima seu objeto. (Sédal, 2009, p. 17)

Ou seja, em sua compreensão dos aspectos da *pulsion d'emprise*, podemos entrever o força de criação do psiquismo mediante a experimentação do mundo.

Num viés similar, o pesquisador Assoun (2009) também desenvolveu uma abordagem particular sobre tal conceito, assimilando as formulações de Nietzsche sobre o desejo de poder, o que fortalece seus argumentos teóricos e amplia as

anotações de tal aspecto. O mesmo autor fez ainda um retrato sobre sua função originária, onde “o grau de nosso sentimento de vida e de poder é o que nos dá a medida do ser da realidade” (Assoun, 1991, p. 83). Para esse teórico a pulsão de apoderamento é colocada como fragmento da função geral de domínio essencial do aparelho psíquico freudiano. Assim, Assoun (1991) fortalece a indicação de *bemächtigungstrieb* como uma raiz para compreender o desejo de poder no homem. Encontramos maior proximidade entre Sédat (2009) e Assoun (2009), ao aprofundarmos observações da anterioridade dos aspectos da pulsão de apoderamento, um dispositivo para avançar na compreensão constitutiva da psique. Convém, ainda, fazer menção do primoroso trabalho de Mijolla (2005) no qual vários tradutores participaram, mas que, ao ser traduzido para o português, repete o nome de pulsão de dominação, sem anotações significativas, e acrescenta o registro em italiano, escrito como *pulsione d'impossessamento*.

Já no outro campo das escolas, aquelas de base inglesa, utilizando a tradução de James Strachey, que grifou o termo em seu idioma como *instinct for mastery*, traduzido por instinto de maestria ou pulsão de dominação, inclinou a discussão a outra vertente, com foco na força e nas influências do Eu (White, 2010). Ives Hendrick (1943), psiquiatra americano que desenvolveu pesquisas em Boston (EUA) na década de 1950, fez importantes observações sobre tal processo psíquico, recolocando sua ênfase na dimensão da sublimação, na qual *bemächtigungstrieb* seria a força que poderia elevar o objeto como atividade do pensamento, constituindo a dominação intelectual. Tais referências fornecem uma direção investigativa, expondo abundantemente o estado atual da literatura sobre a noção. Sublinhamos o estado da Edição Standard da Imago, transcrevendo o termo de *bemächtigungstrieb* como pulsão de dominação. Incluímos na história da tradução a edição da Companhia das Letras, feita por Paulo César de Souza, optando pela tradução de impulso de apoderamento. Outra fonte consultada foi o da Editora Amorrortu, que coloca em sua tradução a *pulsión de apoderamiento*, o que para nós ganha destaque, justificando a posição que defendemos por compreender que ela nos aproxima da ideia de Freud. Em síntese, podemos afirmar que os modos de tradução – seja a *instinct for mastery*, *pulsión d'emprise*, pulsão de dominação – constituem posições teóricas interpretativas para solucionar, ou mesmo esclarecer suas origens, mediante a menção de Freud. Tais teses até provocam movimentos fundamentais, porém apresentam uma abordagem parcial que configura recortes, nos quais se compreende que a dominação seria sua característica reducionista. Perfazendo o trajeto histórico-geográfico, saindo do território europeu, passando pelas condições históricas da psicanálise na América do Norte, cujo caráter inglês deixou sua expressão; chegamos à produção sobre o tema no Brasil e países vizinhos, cuja condição é enfraquecida e de escassa repercussão.

Nesse recorte citamos o uso feito por Zimmerman (2008) em seu vocabulário nacional, aplicando diretamente a pulsão de dominação no verbete do sadismo, descrito como uma forma sádica de obtenção de prazer. Diante de tal levamento, emprega-se a escolha em traduzir o *bemächtigungstrieb* pela grafia de pulsão de apoderamento, expondo os argumentos que justificam sua insistência. Ainda na circunscrição brasileira, Efken (2017) e Cardoso-Rezende (2002) provocam, teoricamente, a respeito do domínio no Eu, mencionando a existência da pulsão, preservando o nome de pulsão de dominação, explorando a vertente de domínio, violência e destruição. Com base no dicionário elaborado originalmente e direto do alemão para português, por Hanns (1996), que traz o comentário de palavras conceituais escritas em alemão, encontramos a questão de modo mais abastado. O autor indica a significação do “verbo *sich bemächtigen* (reflexivo), equivalente em português a apoderar-se”. Mas atribui conotação ao termo de alguma violência e refere-se a “tomar um objeto externo para si à força (apossar-se)” (Hanns, 1996, p. 170). Ainda sobre esses aspetos, ele decompõe a palavra explicando suas partículas. Observemos:

be-: Como prefixo verbal, indica uma ação que promove a concretização da qualidade do substantivo (*macht/poder*) e o transforma em verbo. Em alguns casos indica uma aproximação, um dar conta, ou o ato de tomar (pegar).

mächt-: Corresponde ao mesmo radical do substantivo *macht*, “poder”, “domínio”. O verbo reflexivo *sich bemächtigen* significa “apoderar-se”.

-ig-. Sufixo de adjetivação (como, por exemplo, o sufixo “-oso(a)” em português); quando ligado à terminação -en (-igen) tem a função de verbalização.

-ung-. Sufixo de substantivação que corresponde aproximadamente a “-ção” em português. (Hanns, 1996, p. 172)

No levantamento histórico-conceitual, o trabalho de Hanns (1996) é um dos únicos no Brasil a retratar especificamente as duas palavras, *bemächtigung* e *bewältigung*, mesmo que tenha atribuído formas sinônimas. Seguidos de alguns teóricos franceses, como Dorey (1981) e Denis (1997), que colocam em relevância o verbo *bewältigung*, o qual possui significado mais variável, podendo se considerar o “dar conta”, resolver e superar. Semanticamente, sugere-se que o sentido de que algo maior tem de ser enfrentado e controlado pelo sujeito. Assim, no percurso freudiano, tanto em 1905 – ao situar a pulsão de apoderamento (*bemächtigungstrieb*) – como organizativo e dominante na fase pregenital (Freud, 1996a), e em 1920 na brincadeira do Fort-da (Freud, 1996b) a noção é empregada para designar uma atividade psíquica específica. Tal trabalho é um tipo de resposta frente a estímulos externos, como força que exige uma atividade para dar conta dos efeitos, que todo encontro com a diferença produz no interior do aparelho psíquico. Desse modo, tais respostas teriam o objetivo de fundar a estabilidade econômica, obtendo, assim, poder e controle.

A proposta de Hanns (1996) é informar a abordagem de Freud ao utilizar esse verbo, descrevendo algumas ações como: A) *Bewältigung* remete ao processo dinâmico de "enfrentar" e "dar conta da tarefa" (atividades ligadas a "processar", "pôr em ordem", "levar a cabo"). Evoca, portanto, o aspecto de certa quantidade de trabalho e esforço a ser despendido. B) Implica um resultado bem-sucedido; o emprego do verbo indica que o sujeito conseguiu superar uma situação ou passar por uma adversidade. C) O termo remete à ideia de enfrentamento de algo difícil, grande, que exigirá certo empenho. A palavra alemã para algo grandioso, avassalador é *überwältigend* (*über*, sobre/super). Nesse sentido, se alguém consegue *bewältigen* algo, supõe-se que tenha enfrentado algo de certo porte. D) O radical de *bewältigen* remete ao verbo *walten* (reinar, ser soberano, exercer domínio). O verbo intransitivo *walten* é utilizado para um tipo de "domínio exercido serenamente" ("aqui reina a paz", "nas florestas a natureza é soberana", "o soberano reinava sobre seus súditos com sabedoria"). No caso do verbo *walten*, trata-se de "exercer domínio" de forma ampla, global, que consolida e deixa sereno. Uma vez dominada (*bewältigt*), a situação volta a estar sob controle. Todavia se trata de um "domínio" sobre o "estado geral", um "retomar o controle" no sentido de "sobreviver, superar", e não um controle total e completo que permitia manusear, manipular e dosar aquilo que se controla. (Hanns, 1996, p. 178)

Hanns (1996) introduz, de certo modo, a diferença semântica, e tal ponto evidencia uma atividade da pulsão despercebida e pouco explorada, requerendo a ampliação da questão, o que, por um lado, a retira da especificidade da dominação e, a partir da reabertura de seu estado atual, possibilita uma releitura, a qual alude ao trabalho para criar a relação com o mundo, entrevedo nela um traço originário. Assim, podemos categorizar com essas demonstrações dois níveis da natureza dessa pulsão, uma, na dimensão econômica e verificar ao nível da própria fisiologia (o aparato muscular), e o outro, inclinado a topografia, indicando seu destino.

Considerações de Freud sobre a pulsão de apoderamento e seu aparelho

Saindo do campo informativo e histórico-gramatical, faremos os acentos que o retorno nos permite sobre a noção da pulsão de apoderamento. Para sustentar as indicações e o refinamento proposto, seguimos a posição de Freud, descrevendo suas hipóteses clínicas, aferições de processos psicológicos, acompanhando suas evoluções. Primeiramente, Freud (1895/1996b), ainda na expansão teórica da histeria, aborda a dimensão primitiva a nível do corpo e, em sua ação muscular, ilustra a repercussão fisiológica daquilo que chamou de excitação e de pulsão. Esses enigmas acompanharão de modo transversal sua obra, descrevendo um aparelho que serve ao psiquismo como uma extensão de sua ação, chamado de aparelho muscular *bemächtigungsapparat*.

Freud, em 1895, ao investigar os sintomas conversivos da histeria, o que culminou em sua obra clássica com Breuer, os Estudos da Histeria, mencionou o aparelho muscular como meio de operação da atividade psíquica, tanto na origem da excitação, como destino da descarga libidinal. Nesse momento o autor faz a referência ao trabalho muscular que será posteriormente elevado em 1905 como aparelho de dominação (Freud, 1905/1996a), cenário que expõe as construções masoquismo e sadismo. Assim, não é à toa e sem lógica que o pensamento de Freud, ao longo dos anos, deixa pistas de um masoquismo originário, como uma indicação da experiência ainda originária, compositora do inconsciente.

Insistindo no trabalho muscular identificado por Freud em 1895, que torna visível a manifestação sintomática nos seus casos clínicos de histeria, notamos o apontamento do autor que é basilar para a articulação, vejamos:

Parece ter havido um conflito entre a intenção dela e a ideia antitética (a contra vontade), o que deu ao tique seu caráter descontínuo e confinou a representação em outras vias que não os habituais para inervar o aparelho muscular da fala. (Freud, 1895/1996b, p. 175)

A intuição de Freud continuou destacando o protagonismo do aparelho muscular como via representativa do trabalho psíquico. Para ele: "era provável que uma alteração muscular orgânica da espécie indicada estivesse presente e que a neurose se houvesse ligado a ela, fazendo-a parecer exageradamente importante" (Freud, 1895/1996b, p.176). Ele ainda esclareceu a relação do aparelho muscular como meio de representação da atividade psíquica:

Temos aqui uma situação na qual o pensamento e a representação do eu consciente e desperto encontram-se lado a lado com representações que normalmente residem nas trevas do inconsciente, mas que agora adquiriram controle sobre o aparelho muscular e sobre a fala e, na realidade, até mesmo sobre grande parte da própria atividade representativa. (Freud, 1895/1996b, p 76)

A partir dessa posição inicial da teorização de Freud, centralizamos o papel da ação muscular em sua condição primitiva. Elemento sutilmente apagado, em detrimento da valorização de outras zonas erógenas. Porém, neste ponto, marcamos seus fundamentos originários, ou seja, o papel do aparelho muscular na fundação constitutiva, percurso *sine qua non* para que o prazer se estabeleça como princípio. No entanto, a pulsão de apoderamento é introduzida de modo específico apenas em 1905, com a Teoria da Sexualidade (Freud, 1905/1996a), lugar onde ganha destaque, surgindo a grafia de *bemächtigungstrieb*. Assim, se

forja, em parte, o anúncio de sua formulação, malgrado a amplitude que exige refinamento. Atendo-se em 1905, Freud continuou acentuando o trabalho muscular, agora o evidenciado na ação de controle do estímulo interno, isto é, uma operação ativa, palavra grafada desse modo como *bemächtigungapparat*, traduzido por Strachey como aparelho de dominação (White, 2010).

Freud (1905/1996a) insistiu que “As diferenças mais significativas dizem respeito às providências necessárias à satisfação, que, no caso da zona labial, consiste no sugar, e que terão de ser substituídas por outras ações musculares conforme a posição e a natureza das outras zonas” (1905/1996a, p. 120). Ele descreveu um tópico sobre a participação da atividade muscular na experiência sexual, explicando o seguinte: “É sabido que a atividade muscular intensa é, para a criança, uma necessidade de cuja satisfação ela extrai um prazer extraordinário”. De tal princípio é que autor faz a base para ligar diretamente o trabalho muscular, principalmente ao investigar a fase chamada de anal, e introduz ali a relação entre atividade muscular e o sadismo. Freud (1905/1996a, p. 136), ainda exemplifica sua ação, alegando que: “Na promoção da excitação sexual através da atividade muscular caberia reconhecer uma das raízes da pulsão sádica”. Desse modo, isso nos permite reivindicar o real lugar de *bemächtigungstrieb*, na origem da atividade psíquica, e não apenas uma segunda ação, aquela de dominação, onde se impõe uma vontade de poder ou o aparecimento do sadismo. Relemos o anunciado freudiano:

A sexualidade infantil apresenta duas outras características que são importantes do ponto de vista biológico. Mostra ser formada de certo número de instintos componentes que parecem estar ligados a certas regiões do corpo (“zonas erógenas”), surgindo alguns deles desde o início em pares opostos – instintos com um objetivo ativo e outro passivo. Assim como na vida posterior o que é amado não são simplesmente os órgãos sexuais do objeto, mas todo o seu corpo, também desde o começo não são simplesmente os órgãos genitais mas muitas outras partes do corpo que constituem sede da excitação sexual e reagem a estímulos apropriados com prazer sexual. Esse fato tem estreita relação com a segunda característica da sexualidade infantil – ou seja, com o fato de que no início, ela se acha ligada às funções auto preservativas da nutrição e da excreção e, com toda a probabilidade, da excitação muscular e da atividade sensorial. (Freud, 1905/1996a, p. 180)

Tomando a bússola freudiana, observamos a atividade originária da pulsão de apoderamento, que recoloca a problemática tradução de dominação, confirmando a diminuição que tal nomenclatura perpetua. Pois, a atividade muscular como aliada e instrumento operador as descargas, bem como as ligações com os objetos, é o que permitirá primeiramente as fundações e as marcações de existência do sujeito. Freud (1905/1996a, p. 189) nos esclareceu: “A substância perceptual do organismo vivo terá assim encontrado, na eficácia de sua atividade muscular, uma base para distinguir entre um ‘de fora’ e um ‘de dentro’”. É depois de tal postulado que Freud posicionou a atividade muscular como um aparelho fundamental, articulando-o numa posição pulsional, destacado como:

O objeto do instinto escopofílico, contudo, embora também a princípio seja parte do próprio corpo do sujeito, não é o olho em si; e no sadismo a fonte orgânica, que é provavelmente o aparelho muscular com sua capacidade para a ação, aponta inequivocamente para outro objeto que não ele próprio, muito embora esse objeto seja parte do próprio corpo do sujeito. Nos instintos autoeróticos, o papel desempenhado pela fonte orgânica é tão decisivo que, de acordo com uma sugestão plausível de Federn (1913) e Jekels (1913), a forma e a função do órgão determinam a atividade ou a passividade da finalidade instintual. (Freud, 1915/1996f, p. 96)

Nesse cenário expomos a posição singular em relação ao *bemächtigungstrieb* e seu *bemächtigungapparat*, acentuando seu eixo não sexual. Freud esclareceu primeiramente sua ação sexual, na qual serve o sadismo, refletindo a ligação da pulsão de apoderamento, aproximada de seu status com a destruição, força e violência. O fundador da psicanálise reitera que sua “atividade é devido à pulsão de dominação em sentido amplo, pulsão que especificamos sob o nome de sadismo quando a encontramos a serviço da pulsão sexual” (Freud, 1913/1996c, p. 72). Antes de articular a dimensão não sexualizada da pulsão, convém fazer notar um ponto, e ele consiste no seguinte: todas as condições pulsionais descritas na obra freudiana exigem um aparelho, mesmo aquelas que se definem por sua finalidade, como a escópica, o olho e o olhar, o oral, a boca, dentre outras. Entretanto, não acontece na pulsão de apoderamento, ela fica desligada de seu aparelho, sendo isolada, devido a maximização de sua suposta ação, aquela de dominação, e não propriamente no corpo, embora tenhamos mencionado em seu trabalho muscular que não é nomeada pulsão muscular ou pulsão corporal. A releitura da construção de Freud sobre a pulsão de apoderamento resulta numa abordagem de sua ação em duas dimensões: a primeira, e mais evidente, já mencionamos, é sua forma sexualizada, demonstrada no sadismo; e outro ponto, é uma ideia que Freud lança sobre a formação do psiquismo, mas não o desenvolve. Justamente tal ponto é o eixo situado nas origens da atividade psíquica, cuja ação é operacionalizada, a partir do aparelho muscular, marcando os fundamentos do dentro e fora. Isto é, revela-nos a via das primeiras experiências da atividade psíquica, ainda não sexual. Seu anseio é fazer existir uma relação, construir um circuito, da qual a incorporação pode nos servir como uma potente ilustração. Observemos a exposição de Freud que fortalece a posição:

Que a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é-nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento dessa correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da libido. Segundo

alguns autores, essa agressão mesclada à pulsão sexual é, na realidade, um resíduo de desejos canibalísticos e, portanto, uma coparticipação do aparelho de dominação, que atende à satisfação de outra grande necessidade ontogeneticamente mais antiga. Afirmou-se também que toda dor contém em si mesma a possibilidade de uma sensação prazerosa. (Freud, 1905/1996a, p. 98)

Nessa passagem, Freud não evidenciou a tal necessidade ontogeneticamente mais antiga, ponto desaparecido, na maioria das vezes, em relação à pulsão. Uma das posições hipotéticas para tal necessidade reside no ímpeto e força para se fazer existir, primeiramente, ecoando no corpo suas raízes por meio da oralidade. Outro ponto que revela o impasse de uma pulsão categorizada de dominação, reside na ação organizativa para encontrar a satisfação. Exatamente nesse limiar que Freud nos faz avançar:

A organização sádico-anal pode ser facilmente considerada como uma continuação e um desenvolvimento da oral. A atividade muscular violenta dirigida sobre o objeto, pela qual se caracteriza, pode ser explicada como uma ação preparatória para comer. O comer deixa, então, de ser um objetivo sexual e a ação preparatória torna-se, em si, um objetivo suficiente. A novidade essencial, em comparação com o estágio anterior, é que a função passiva receptiva desprende-se da zona oral e liga-se à zona anal. Em relação a isso, dificilmente podemos deixar de pensar em paralelos biológicos ou na teoria segundo a qual as organizações pré-genitais no homem devem ser consideradas como vestígios de condições que têm sido permanentemente conservadas em diversas espécies animais. (Freud, 1913/1996c, p.143)

Freud referenciou a condição ontogenética num tipo de conservação da espécie, da qual a atividade muscular é o modo de preservação, portanto, pulsão fundamental e aproximada da qual chamou inicialmente de autopreservação. No mesmo sentido, Freud situou a crueldade, o sadismo e a força muscular para ordenar a existência de uma atividade psíquica, impondo um regimento que mais tarde levará a alguns nomes – domínio, princípio do prazer –, o que, por sua vez, integra um estatuto de ordem para com o mundo. Freud (1918/1996h) insere o impulso organizativo para além do sadismo, e assinala um tipo de ação transformado do impulso, que faz a passagem de ativo para passivo, isto é, do sadismo ao masoquismo, e que tal transformação tem um caráter não sexual, ainda, sobre isto, o autor afirmou que:

Sob a influência do seu sadismo, a significação afetiva das fezes deu lugar a uma significação agressiva. Na transformação do sadismo em masoquismo, teve seu papel um sentimento de culpa, cuja presença assinala processos de desenvolvimento em outras esferas que não a sexual. (Freud, 1918/1996h, p. 143)

Assim, temos a condição sexualizada da *bemächtigungstrieb* para Freud, onde sadismo revela seu par, e o masoquismo, assim como, dominar e ser dominado, remontam o par de opostos, ativo e passivo, sobretudo, a transformação como uma forma terceira de apassivação, um desdobramento da equação pulsional enquanto meta. O eixo de ação transformadora pode ser uma das condições centrais para levá-lo em sua diferença da dominação, sobrepondo sua ação originária. Outro fator relevante que decompõe a relação sincrônica entre dominação e agressão é o fato de que o aparelho original da dominação, no qual se exerce força sobre qualquer objeto, o aparelho muscular, é justamente um órgão que pode desviar, evitar, opondo-se à noção de pulsão de morte, Freud alegou que:

(...) o instinto de morte da célula isolada pode ser neutralizado com sucesso e os impulsos destrutivos desviados para o mundo externo, mediante o auxílio de um órgão especial. Esse órgão especial pareceria ser o aparelho muscular; e o instinto de morte pareceria, então, expressar-se – ainda que, provavelmente, apenas em parte – como um instinto de destruição dirigido contra o mundo externo e outros organismos. (Freud, 1925/1996i, p. 150)

Sendo assim, Freud nos revelou a estreita relação entre o aparelho muscular e sua articulação ao nível pulsional, de modo originário, retratando a experiência de dentro e fora, e de modo oposto à pulsão de morte. Em outras palavras, o *bemächtigungstrieb* pode ser entendido como uma operação que refina o apoderamento realizado por via corpórea que, na fase adulta, permitirá ao sujeito outras direções para o impulso, seja por vias brutas/físicas ou intelectuais, cujos estímulos podem ser projetados e afastados do Eu, aludindo à estabilidade. Freud (1916/1996g) torna isso mais claro:

Num trecho anterior atribuímos ao organismo ainda inerte à capacidade de efetuar uma primeira orientação no mundo por meio de essas percepções, distinguindo “externo” e “interno” de acordo com a relação entre essas percepções e a ação muscular do organismo. Uma percepção que desaparece por meio de uma ação é reconhecida como externa, como realidade; nos casos em que tal ação tem influência, a percepção se origina dentro do próprio corpo do indivíduo – não é real. É valioso para o indivíduo possuir um meio como esse, que lhe permita reconhecer a realidade, que ao mesmo tempo o ajude a lidar com ela, e ele bem gostaria de estar equipado com um poder semelhante contra as reivindicações muitas vezes implacáveis de seus instintos. Eis por que se dá ao trabalho de transpor para fora o que se torna problemático dentro dele – isto é, a projetá-lo. (Freud, 1916/1996g, p. 156)

O autor nos ensinou com maestria a posição do sujeito do inconsciente e a formação de seu desejo de poder, no sentido de exigência de trabalho para construir seu circuito, natureza da pulsão de apoderamento, modo inclusive como a pulsão também é retratada em suas tentativas tradutórias, designada como ânsia pelo poder, ou pelo controle. Emerge aí a necessidade de criação de objetos, ou (pseudo) garantias para que sustentem a relação com o mundo.

A clínica das neuroses demonstra essas manifestações, à medida que o sujeito, que se propõe ao tratamento, é levado, mediante ao encontro particular em sua história com impossibilidade, ou barreiras para fazer seu trabalho psíquico, ou não poder, a escolher outras construções. O que, como consequência, faz emergir o aparecimento do mal-estar na existência do sujeito, ou seja, produz uma asfixia, e, conseqüentemente, a configuração da psicopatologia. Em termos mais diretos, o impulso de apoderamento pode dar força para dominar, mas não serve à uma única meta, infere a esta natureza, o anseio ou se fazer, o que pode ser descrito nas vidas de se fazer-dominado, se fazer-estabilizado. Podemos testificar isso nas palavras de Freud (1905/1996a), quando expõe a lógica do se fazer olhado, e/ou se fazer-objetalizado. Freud articulou esse princípio bem mais tarde em sua obra, ao retratar o desejo pelo reencontro, em seu famoso texto de 1925, *Die Verneinung*, o autor comenta que “é importante não apenas que uma coisa (objeto de satisfação) possua característica boa, isto é, mereça acolhimento no Eu, mas que também se ache no mundo exterior de modo que seja possível apossar-se dela em caso de necessidade” (Freud, 1925/1996i, p. 279). O Eu precisa encontrar no mundo e tomar para si, a procura pelo objeto inclui o traço epistemofílico da pulsão de apoderamento que trabalha para manter em si a força e poder para operar no mundo – o que acontece inicialmente pela via muscular – podendo, com essa condição, mamar, agarrar, andar, falar.

Notamos as ressonâncias sobre a tendência da posse e um tipo de anseio a tomar para si, características que compõe o vocábulo da pulsão de apoderamento. Como progressão da investigação, situamos uma diferença muito sutil do ponto de vista conceitual em relação aos termos *bemächtigungstrieb* e *bewältigung*. A primeira como sendo do originário, marcada inclusive nas primeiras formulações da teoria da sexualidade, em 1905. Nele, a força para o movimento, o agregar e juntar, como forma de se apossar. Aqui o papel muscular é uma luta para instituir-se e, quanto ao campo do domínio, ficaria o segundo, quando as construções estão inscritas.

A pulsão, a partir dessas diversas faces, revela sua natureza anterior ao campo do domínio. Em continuidade à evidência da diferença, ela é registrada cronologicamente por Freud, que utiliza o *bewältigung* de modo tardio em sua teoria, primeiramente em 1914, 1915 e 1920. É salutar acrescer o argumento da anterioridade freudiana quanto ao *bemächtigungstrieb*, que tem sua inserção em 1905 e 1913. Acompanhemos com precisão seu uso: “Reconhecemos nosso aparelho mental como sendo, acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar (*bewältigung*) as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos” (Freud 1914/1996d, p. 102). Já no trabalho específico sobre as pulsões Freud descreveu:

Não façamos objeção por enquanto à indefinição dessa ideia e atribuímos ao sistema nervoso a tarefa – falando em termos gerais – de dominar estímulos (*Reiz bewältigung*). Vemos então até que ponto o modelo simples do reflexo fisiológico se complica com a introdução dos instintos. Os instintos externos impõem uma única tarefa: a de afastamento; isso é realizado por movimentos musculares, um dos quais finalmente atinge esse objetivo. (Freud, 1915/1996f, p. 140)

Notamos que Freud refere-se com imprecisão e a admite inicialmente, dado a complexidade de sua ação. Em outra parte específica, Freud reitera a posição (1920/1996b, p. 180): “Não há mais possibilidade de impedir que o aparelho mental seja inundado com grandes quantidades de estímulos: em vez disso, outro problema surge, o problema de dominar (*bewältigen*) as quantidades de estímulo que irromperam”. Façamos notar que na palavra de *bewältigung*, o radical *macht* já não está presente, o que deve apresentar ao conceito também uma implicação. Segundo Hanns (1996, p. 177):

-*walten*: Derivado do verbo indo-europeu 'Tjol-dh- (ser forte, dominar). O latim *valere* (ser forte) e o gótico *waldan* são precursores do atual *walten*. No século XV, *bewältigen* expressa "mostrar-se capaz de colocar seus assuntos sob seu domínio", e *überwältigen*, "subjugar/dominar". Palavras como "administrar" (*verwalten*, manter em ordem, sob o seu domínio) e "violência" (*Gewalt*) também derivam-se da raiz *walt-*.

Como demonstramos, ao *bemächtigung* reserva-se o primitivo trabalho muscular para instituir-se como instância, daí o emprego da força, a qual continuará servindo como ponte e travessia para o Eu que, já instituído, poderá se instrumentalizar, no nível satisfacional, como bem lembrou Freud: “Como criatura fronteira, o Eu tenta efetuar mediação entre o mundo e o id, tornar o id dócil ao mundo e, por meio de sua atividade muscular, fazer o mundo coincidir com os desejos do id” (Freud, 1926/1996j, p. 146). No prolongamento deste aspecto, Freud (1926/1996j) não deixa de citar o trabalho muscular ao longo de sua obra, situando-o como instrumento de satisfação e controle, ou seja, é de sua experiência originalmente pulsional que a vida adulta dá notícias, com seu movimento e contorno e, às vezes, transtornos. Freud ao observar sobre o masoquismo, descreveu em termos orgânicos essa tese:

Se remontarmos um pouco atrás, para nossa hipótese das duas classes de instintos que consideramos como operantes no organismo vivo, chegamos a outra derivação do masoquismo, a qual, porém, não está em contradição com a anterior. Nos

organismos (multicelulares), a libido enfrenta o instinto de morte ou destruição neles dominante e procura desintegrar o organismo celular e conduzir cada organismo unicelular separado [que o compõe] para um estado de estabilidade inorgânica (por mais relativa que essa possa ser). A libido tem a missão de tornar inócuo o instinto destruidor e a realiza desviando esse instinto, em grande parte, para fora – e em breve com o auxílio de um sistema orgânico especial, o aparelho muscular – no sentido de objetos do mundo externo. O instinto é então chamado de instinto destrutivo, instinto de domínio ou vontade de poder. (Freud, 1926/1996j, p. 86)

Desse ponto caminhamos para finalizar as demonstrações da posição teórica sobre a pulsão de apoderamento. A partir de toda a exposição, justificamos a forma da pulsão de apoderamento como mais próxima da construção de Freud, em decorrência da palavra original, que carrega a descrição de poder e de apoderar-se em sua raiz; mas tal apoderamento no sentido muito singular. Ou seja, aquele de poder fazer, ter força para agir em direção a criação, onde o controle e a dominação são apenas uma forma. Em consequência disso, a dominação e destruição compõe outros caminhos hipotéticos para vazão das dimensões, seja no estado não sexual, aquela da força para existir, *bemächtigungstrieb*, quanto já o do sexualizado, do *bewältigung*, da qual seu objetivo seria tomar algo, superado, ou obtido algum domínio, onde o sadismo foi protagonista para Freud. Nesse campo o aparelho muscular faz-se basculante para manobrar a incorporação primeira, até os desvios agressivos e necessários para inclinação a vida. Como resultado da recentralização da pulsão de apoderamento, encontra-se o desmonte da dominação, as distinções dos aspectos da pulsão em seu vetor originário, para apoderar-se da vida e, principalmente, para aquecer a investigação da metapsicologia que encontra, na tradução, ainda os tropeços de um longo caminho de revisão e constante interrogação.

As contribuições finais

O objetivo deste artigo não tem pretensões de instituir uma posição inflexível, nem estabelecer o certo ou errado quanto à terminologia, mas sim de expor a dimensão de nomeação e as complicações de cunho tradutório-interpretativos que marcam o campo freudiano. Entretanto, num exame mais demorado do pensamento de Freud sobre a pulsão de apoderamento, a partir da originalidade linguística, encontramos a condição para ampliar sua abordagem, alargando sua definição. Tal empreitada constitui um dever, para reaver seu lugar majoritário, aproximando-a da altura da descoberta psicanalítica que se estende, ainda, à compreensão dos fenômenos psíquicos do homem.

O artigo não apenas desmonta o desígnio da dominação que é sua caracterização, mas dá consistência argumentativa para sustentar a indicação de seu uso como apoderamento, mas constitui-se como dossiê da questão, pelo registro de sua história. Como efeito de pesquisa, possibilita uma releitura de seu estado em localizar seu lugar nas origens da vida psíquica, centralidade de *bemächtigungstrieb*, e, logo depois, sua aproximação com *bewältigung*, pontuando as diferenças, aquelas despercebidas, que se revelam ausentes na grafia de pulsão de dominação. Assim, é possível insistir na nomeação pulsão de apoderamento destacando seus impasses, não como asfixia das articulações, mas como constante provocação do fundamento, fazendo dele o ponto de partida; cujo objetivo se justifica por manter vivo o princípio de Freud sobre a pesquisa, tratando mais amplamente o processo nuclear de criação, onde o poder e o desejo de posse são expressões vivas da natureza das relações humanas.

Referências

- Anzieu, D. (1988). *Os métodos projetivos*. Campus.
- Assoun, P-L. (1991). *Freud e Nietzsche: Semelhanças e dessemelhanças*. Brasiliense. (Originalmente publicado em 1989)
- Assoun, P-L. (2009). *Dicionário de obras psicanalíticas*. PUF.
- Cardoso-Rezende, M. (2002). Violência, domínio e transgressão. *Revista Psychê*, (10), 161-171. <https://www.redalyc.org/pdf/307/30701010.pdf>
- Denis, P. (1997). *Emprise et satisfaction: Les deux formants de la pulsion*. Presses Universitaires de France.
- Dorey, R. (1981). La relation d'emprise. *Nouvelle revue de psychanalyse*, (24), 117-139. <https://psycnet.apa.org/record/1983-32700-001>

- Efken, P. H. O. (2017). A dimensão de domínio na constituição do Ego. *Revista Subjetividades*, 17(1), 22-34. <https://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i1.5192>
- Freud, S. (1996a). Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: J. Strachey (Ed.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. II, pp. 128-209). Imago. (Originalmente publicado em 1905)
- Freud, S. (1996b). Estudos sobre a histeria. In: J. Strachey (Ed.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. III, pp. 39-235). Imago. (Originalmente publicado em 1895)
- Freud, S. (1996c). Totem e tabu. In: J. Strachey (Ed.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XII, pp. 11-96). Imago. (Originalmente publicado em 1913)
- Freud, S. (1996d). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In: J. Strachey (Ed.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XII, pp. 77-110). Imago. (Originalmente publicado em 1914)
- Freud, S. (1996e) Além do princípio do prazer. In: J. Strachey (Ed.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XIII, pp. 58-205). Imago. (Originalmente publicado em 1920)
- Freud, S. (1996f). O instinto e suas vicissitudes. In: J. Strachey (Ed.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XIII, pp. 117-146). Imago. (Originalmente publicado em 1915)
- Freud, S. (1996g). Conferências introdutórias. In: J. Strachey (Ed.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XIII, pp. 313-350). Imago. (Originalmente publicado em 1916)
- Freud, S. (1996h). História de uma neurose infantil. In: J. Strachey (Ed.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XVII, pp. 13-118). Imago. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (1996i). A negativa. In: J. Strachey (Ed.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XIX, pp. 112-135). Imago. (Originalmente publicado em 1925)
- Freud, S. (1996j). Inibições, sintomas e angústia. In: J. Strachey (Ed.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XX). Imago. (Originalmente publicado em 1926)
- Freud, S. (2020). Além do princípio de prazer. In: S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud: Além do princípio de prazer* (pp. 225-302). Autêntica. (Originalmente publicado em 1920)
- Grunberger, B. (1959). Estudio sobre la relación anal-objetal. In: B. Grunberger, *El narcisismo* (pp. 39-58). Editorial Trieb.
- Hanns, A. L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Imago.
- Hendrick, I. (1943). The discussion of the instinct to master. *Psychoanalytic Quarterly*, 12, 561-565. <https://doi.org/10.1080/21674086.1943.11925551>
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: O legado de Freud a Lacan*. Jorge Zahar.
- Laplanche, J., & Pontalis J.-B. (2001). *Vocabulário de Psicanálise* (4ª Ed.). Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1967)
- Mijolla, A. (2005). *Dicionário internacional da psicanálise: Conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Imago.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Jorge Zahar.
- Sédât, J. (2009). Pulsion d'emprise: Introduction à la perversion freudienne. *Che vuoi – Revue du Cercle Freudien*, 2(32), 11-25. <https://www.cairn.info/revue-che-vuoi-1-2009-2-page-11.htm>

White, K. (2010). Notes on “*Bemächtigungstrieb*” and Strachey’s translation as “instinct for mastery”. *The International Journal of Psychoanalysis*, 91(4), 811-820. <https://doi.org/10.1111/j.1745-8315.2010.00354.x>

Zimmerman, E. D. (2008). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Ed. Artmed.

Como Citar:

Trevisan, A., Maesso, M. C., Vivès, J-M. (2023) Do (In) passe da tradução ao problema da nomeação: A insistência de bemächtigungstrieb. *Revista Subjetividades*, 23(3), e13483. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23i3.e13538>

Endereço para correspondência

Antonio Trevisan
Email: netogarcia8@gmail.com

Jean Michel Vivès
Email: jeanmichelvives@gmail.com

Marcia Cristina Maesso
Email: maessomc@gmail.com



Recebido: 19.02.2022

Revisado: 31.05.2022

Aceito: 07.12.2022

Publicado: 20.11.2023